

Falsa melhora econômica, verdadeira repressão

Há meses que os fiéis ao regime egípcio e ao FMI cantam os louvores da vitória: a situação econômica está melhorando, e dias radiantes são anunciados.

De fato, a nível macroeconómico, o crescimento do PIB aumentou de 3,5% em 2015-2016 para 4,2% em 2016-2017, com uma previsão de 4,8% para 2017-2018. A inflação subiu de 35% em julho de 2017 para 12% em junho de 2018. As reservas de divisas, que tinham caído drasticamente, cobrem agora 5 meses de importações de bens e serviços.

Signos inquietantes

O regime presume ter permitido uma recuperação do turismo devido à sua política de segurança, mas as receitas correntes são apenas metade das de 2010.

Além disso, em setembro de 2017, o Banco Central do Egito anunciou que a dívida externa do país havia subido para US\$ 79 bilhões, um aumento de 41% em relação ao ano anterior. O endividamento público está aumentando, a dívida pública interna atinge quase 200% do PIB e o endividamento privado é agravado por uma lei de 2014 que autoriza a concessão de microcréditos.

Insustentáveis subidas dos preços

A fim de reduzir o déficit orçamental, o governo procura receitas adicionais através do aumento do preço de muitos serviços. No início de Junho, o preço da água aumentou 45% e o preço do bilhete de metro do Cairo triplicou durante a noite. Rebentaram motins espontâneos com ocupações nas ruas que foram imediatamente reprimidas. No segundo dia do festival (fim do Ramadão), o preço dos combustíveis subiu entre 35% e 50%,

enquanto o preço das garrafas de gás subiu 60%. Em Julho será electricidade (26%), cartões cinzentos (cerca de 90%), cartas de condução (1400%) e autorizações de residência para estrangeiros, incluindo refugiados (2400%)!

Um poder impopular

A população está no limite. Cada vez mais pessoas são ouvidas queixando-se de que simplesmente não podem viver assim. O programa Takafol wa karama (solidariedade e dignidade), criado para compensar a abolição dos subsídios, só é aplicado em 10 das 27 províncias e demora cerca de 18 meses a registar-se. O poder teme motins, reprime cada vez mais. Embora ele tenha dito que atacou principalmente a Irmandade Muçulmana e o Estado Islâmico, a maioria das pessoas detidas eram liberais, seculares e socialistas. Um professor da Universidade de Helwan diz: “O Presidente Al-Sissi governa este país como um militar que exige que todos marchem firmemente atrás dele. Qualquer palavra dissidente, qualquer oposição é imediatamente entendida como um ataque à unidade nacional. A sua concepção da terra é simples: quem está comigo é meu amigo; quem está contra mim é inimigo do Egito e deve ser abatido. As pessoas são raptadas e amontoadas na sua solidão e medo.

Ocidente e França cúmplices

No Ocidente, todas as potências que consideram o Egito como um Estado estável numa região que é mais do que instável nada têm a dizer face a esta política repressiva. A França (em Espanha, ver nota) ainda menos do que os outros, uma vez que o Egito é o seu maior comprador de armas. Foi denunciada pela Amnistia Internacional, que escreve que Paris fornece ao Cairo “armas e equipamentos que podem ser utilizados para a segurança interna e a ordem pública, tornando-se cúmplice da feroz repressão desencadeada pelas autoridades egípcias”.

Original: Viento Sur